

**MATERIAL
EDUCATIVO
ON-LINE**

**Galeria de Arte
Minas Tênis
Clube**

RAY

COLA **RES**

DE VOLTA À ESTRADA

MATERIAL
EDUCATIVO
ON-LINE

**RAYMUNDO
COLARES**
DE VOLTA À ESTRADA

Galeria de Arte
Minas Tênis Clube
2020

Centro Cultural
Mina Tereza Cuiabá
Presidente
Ricardo Vieira Santiago
Diretor de Cultura
Aracy Romão
Secretaria de Cultura
Mauricéia Magalhães
Coordenadora Técnica
Shirley Cordeiro
Assessoria de Imprensa
Cláudia Leão Vieira
Educação
Antônio Carlos

Exposição
**RAYMUNDO COLARES
DE VOLTA À ESTRADA**
Curadoria
Lúcia Corrêga
Organização de Produção
Vivian Clara Rodrigues
Identidade Visual
Tânia Barreto
Susan Johnson
Assessoria
Espinofreia
Lúcia Toffi
Museologia
Regina Helena, Tereza de Aquino,
Marcelo Nogueira, Sora Ladeira
Bancada de Texto
Thaís Maria Gomes
Fotografia
Antônio Carlos
Subsistema de Imagem
Lúcia Toffi
Plataforma
Alvaro
Comunicação
Alvaro Cordeiro
Montagem das Obras
Rafaela Vasconcelos e Montagem
Gustavo
Equipamento Audiovisual
Gustavo
Transporte das Obras de Arte
Sobramim Transportes
Segurança das Obras de Arte
Paulo Roberto Cavalcanti
e/Companhia de Segurança
Projeto e produção
www.cca.org.br

Agradecimentos
Adalberto Ligeia
Ana Maria Nogueira
Antonio Ribeiro
Aurélien André
Dileneia Pinheiro
Gustavo Pinheiro
Heaven Prática Cordeiro
José Alberto Pereira
Antonio Cordeiro
Alguacil
Museu de Arte Contemporânea de
Petrópolis - MACO | Coleção João Sabino
Museu do Rio de Janeiro - MRJ
Pólis/Revista Arte
Secretaria Municipal de Cultura
do Rio de Janeiro
Sérgio Kubler
Vivian Toffi
Márcio Pinheiro
Agradecimentos especiais
Carla Maria Maciel
Gustavo Paes Lima
Vivian Montenegro
Exposição
6 de novembro de 2018
a 7 de fevereiro de 2019
Terça e sábado, das 10h às 20h
Domingo e feriado, das 13h às 18h
Entrada gratuita | Classificação: 14
www.cca.org.br



Galeria de Arte do Centro Cultural Mina Tereza Cuiabá
CCMTD, que integra o Circuito Liberdade, tem a honra de
receber ao público do capital mineiro a oportunidade de
visitar as obras do pintor e desenhista mineiro Raimundo
Colares. Carlos Magalhães (1944 - Minas Gerais, 1996), um dos
três nomes da arte moderna brasileira.
A exposição "Raimundo Colares: de volta à estrada" reúne
obras, entre pinturas, gravuras, quadros e os famosos
e, livros-objeto produzidos pelo artista a partir de 1960,
no do 20º ano pessoal, no qual ele andava pensando,
mas a estufa de trabalhos, e todo material documental
de sua vida e obra. Também fazem parte da exposição
saios realizados por outros artistas brasileiros que
relembrem e homenageiam Raimundo Colares. A curadoria
mostra a obra rememora a vida e a escrita Lúcia Corrêga
leitor de sua breve carreira artística, iniciada em 1960,
que terminou para o Estado de Minas Artes da Universidade
do Rio de Janeiro, e encerrada com sua morte
aos 42 anos, Raimundo Colares deixou reflexo
do para a história das artes plásticas do País.
Mas todos bem-vindos! E apreciem o passeio pela
do traço das belas, drásticas e vibrantes obras de
Raimundo Colares.

RICARDO VIEIRA SANTIAGO
PRESIDENTE DO CENTRO CULTURAL MINA TEREZA CUIABÁ


CENTRO CULTURAL
GALERIA DE ARTE




**RAYMUNDO
COLARES**
DE VOLTA À ESTRADA





Small white label with text, likely identifying the artwork.



Small white label with text, likely identifying the artwork.



Small white label with text, likely identifying the artwork.



Small white label with text, likely identifying the artwork.



Este material foi idealizado como uma das ações do projeto *Educativo On-line Raymundo Colares: de volta à estrada*, exposição que esteve em cartaz na Galeria de Arte do Centro Cultural Minas Tênis Clube, entre os dias 5 de novembro de 2019 e 2 de fevereiro de 2020. Este projeto contemplou as seguintes ações educativas:

Postagens no Instagram do MTC Cultura A série de postagens se inicia com um acolhimento do público, abordando em seguida as práticas e a história do artista. As postagens começam com uma visita virtual à exposição, e em seguida abordam

o contexto histórico de Raymundo Colares, a poética de sua pesquisa e a maneira com que o artista abordava questões formais em seu trabalho. As postagens se intercalam com sugestões de brincadeiras e outras ações poéticas para serem feitas em casa, levando em consideração a atual necessidade do isolamento social.

Podcasts Convidamos os educadores Amanda Pontes, Rudá Lemos, Ana Pedrosa e Ian Gavião para que cada um idealizasse um podcast. Os podcasts têm como objetivo provocar o diálogo que sempre tivemos com os visitantes na galeria. Os temas abordados

permeiam pautas importantes para o momento que vivemos, mesclados à vida e à obra de Colares. Ao longo deste material, indicamos os momentos ideais para escutá-los.

Pensamos este material educativo como uma sugestão de mergulho nos muitos assuntos, conexões, poéticas e críticas que se estabelecem entre a década de 1960 – período inicial da produção de Colares – e a atualidade. A fluidez do material contém possibilidades de imersão para todos os que a ele se abrirem: professores, alunos, grupos de pesquisa... Esperamos com ele contribuir para uma rica viagem entre

tempos! Desejamos em breve estar novamente juntos para pensar e fruir arte!

Ao longo do material, clique no símbolo ➤ para visitar sites e plataformas sugeridos.

Responsabilidade consigo e com o mundo. Uma boa leitura e muita diversão para todos!

Carolina Santana

Coordenadora do projeto

A
 A A
 A I A
 A I E I A
 A I E E I A
 A I E E I A
 A I E I A
 A I A
 A



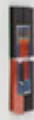
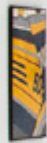
GIBI – 50 ANOS (1969–2019)

“[...] Os seus Gibis, que remetem ao Livro da criação de Lygia Pape, são obras em processo, as imagens se fazem, ou se deslocam à medida que os olhos vão sendo movimentados. Virtualidade pura. Nos seus Gibis revivem a assinatura de Mondrian, recriou a magia de noite e dos sonhos de De Chirico, a figura de Klee ou demonstrou o sistema cromático de Haiminggen no quadrado, de Albers. Estes Gibis constituem um dos momentos mais fascinantes da arte brasileira contemporânea.

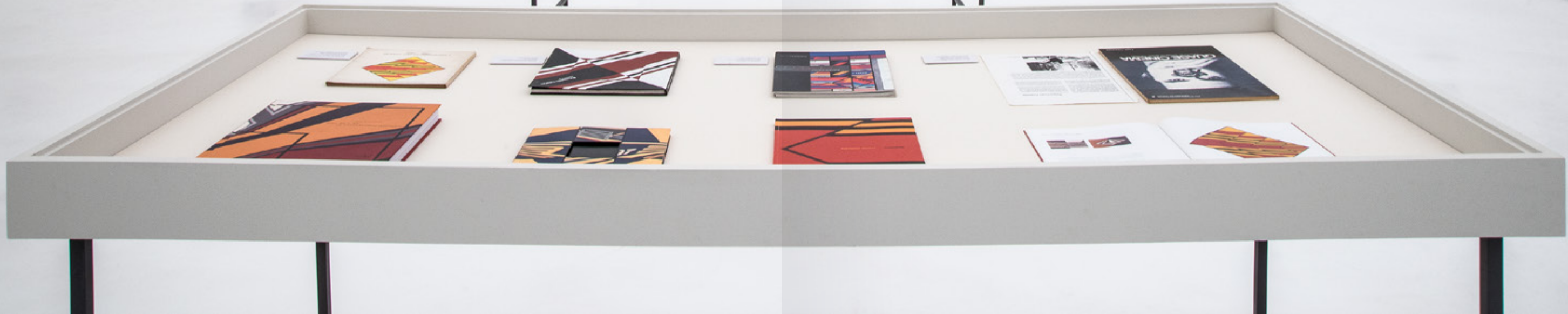
Por tudo isso, seria talvez mais concreto dizer que Collares é um artista cinético – mas de um cinetismo sem máquinas ou motores, que não é nem pendular nem mecânico. Um cinetismo que não revela para a inteligência, mas que, ao contrário, requer uma participação emocional do espectador. O proladário formado permanente, um minimalismo topical de cores fortes e agressivas, capaz de despertar emoções, aturdir o olhar, narrar experiências de vida”.

Frederico Moraes
 O Globo, 1983





CRONOLOGIA



RAYMUNDO FELICÍSSIMO COLARES (1944-1986)

Raymundo Colares nasceu no dia 25 de abril de 1944, em Grão Mogol, MG. Em 1951, mudou-se com a família para a cidade de Montes Claros, também em MG. Muito jovem, manifestou um especial interesse pelo cinema e pelas histórias em quadrinhos, referências importantes para sua obra posteriormente.

Em 1966, Colares mudou-se para o Rio de Janeiro, onde frequentou os cursos livres ministrados por Ivan Serpa no MAM. A obra de Colares, composta por pinturas e alguns experimentos como os Gibis, integra o movimento do

Neoconcretismo carioca, incorporando também tendências da Pop art. Em suas pinturas, o universo urbano e popular é marcado pela figura do ônibus, que é para Colares um ícone-síntese da vida nas grandes metrópoles.



1944

Nascimento

1951

Mudou-se com a família para

MG. Muito jovem, manifestou especial

interesse pelo cinema e pelas histórias em quadrinhos

referências para sua obra.

1955/56

Percebeu sua vocação religiosa

o Domínio: Nossa Senhora

Caracis, que veio a ele.

1964

Cartão postal

e outros

em

Raymundo Colares. "Sem Título", 1969. Tinta esmalte industrial sobre metal (alumínio)





Robert Rauschenberg
Red, Blue, and Yellow
1965
Canvas
100 x 100 x 100 cm
Edition 1/100

PONTAS

DE

LANÇA

PARA

QUE STIONAR O MUNDO

Capa do suplemento
dominical do
"Jornal do Brasil"
(março de 1959).



Fonte: Linha do Tempo do Design Gráfico no Brasil. São Paulo: Cosac Naify, 2011.



Exposição Nova Objetividade Brasileira, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), abril de 1967.

Tendo surgido no final da década de 1950, o movimento Neoconcreto no Brasil é uma potente tentativa de estabelecer novas perspectivas e possibilidades de se produzir e pensar arte. Romper com a figuração e mergulhar na cor e forma como matéria de pesquisa, como os artistas fizeram naquele momento, foi um grande questionamento acerca das práticas artísticas vigentes, suas materialidades e desdobramentos no campo de pesquisa e atuação dos artistas no Brasil.

A arte sempre cumpre o papel de questionar o que há de predeterminado em suas práticas e conceitos, segundo questões latentes em um dado período histórico. Essas ressonâncias se amplificam quando tratamos da época do Neoconcretismo, quando no Brasil e no mundo movimentos artísticos surgiram buscando repensar linguagens e práticas artísticas em consonância com uma forte crítica social, reverberando através da arte questões urgentes.



Capa do catálogo da exposição Nova Objetividade Brasileira, MAM/RJ, abril de 1967.

SEJA TROPICAL E AINDA FA-TAL

A década de 1960 foi um período de muitos acontecimentos na história do Brasil e de muitos outros lugares no mundo. De lá pra cá, muita coisa aconteceu. No Brasil houve o golpe militar e, paralelamente a ele, muitas manifestações e produções artísticas

novas surgiram. Os neoconcretistas surgem nesse período como um grupo que busca romper com os padrões de arte produzidos no Brasil até então.

Hélio Oiticica foi um importante artista pertencente a esse grupo e, na exposição Nova Objetividade Brasileira, ele e Raymundo Colares, bem como outros importantes nomes da arte brasileira que começavam a despontar naquele período, apresentaram algumas de suas obras. A ideia do grupo nessa nova proposta expositiva já era de orientação pós-neoconcretista.

Nessa emblemática exposição eles buscavam expor obras que contivessem em suas expressões um caráter experimental e características únicas de cada artista. Mantinham-se ainda aspectos fundamentais da pesquisa neoconcreta, com obras com composições de planos e cores e que ao mesmo tempo tencionavam críticas sobre o Brasil e seus profundos problemas sociais. O próprio Hélio Oiticica convidou moradores da comunidade da Mangueira, no Rio de Janeiro, para irem à exposição, levantando questões relacionadas à

inserção de grupos da periferia em museus e exposições de arte.

Tropicália, umas das obras que Hélio apresentou nessa exposição, teve seu título apropriado como ícone por um importante grupo de músicos brasileiros que surgiu nesse período. A Tropicália de Hélio, no entanto, tinha um forte apelo pela vivência das cores no corpo de maneira sensorial, levantando ainda questões sobre arquitetura e modos de vida nas comunidades.



"Parangolês", de Hélio Oiticica na Mangueira.

Exposição Nova Objetividade Brasileira, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), abril de 1967.



foto: César Oiticica Filho / fonte: [reprodução] Enciclopédia Itaú Cultural

De acordo com o verbete *Tropicália* da Enciclopédia Itaú Cultural, [o] projeto e a concepção de *Tropicália* devem ser compreendidos no interior da produção do artista nos anos 1960, quando suas obras se voltam preferencialmente para as pesquisas sensoriais. Os *Bólides* e *Parangolés*, realizados em 1963–1964, são emblemáticos dessa orientação dos trabalhos e preparam a passagem para a “antiarte ambiental” que tem lugar no fim da década de 1960, com *Tropicália*, *Apocalipopótese* (1968) e *Éden* (1969). Nos *Bólides* – “transobjetos” – as estruturas, caixas, vidros, plásticos etc. contêm materiais coloridos, que podem ser olhados de dentro e de fora. Nos *Parangolés*, as cores libertam-se dos recipientes e passam a envolver o corpo, como capas e/ou abrigos: “com *Parangolé*, descobri estruturas ‘comportamento-corpo’: tudo para mim passou a girar em torno do corpo que dança. O corpo aí não é pensado como mero suporte, mas como parte integral da obra. Com os *Parangolés*, Hélio Oiticica dá o passo decisivo que leva a arte à vida e ao ambiente. É nesse momento que descobre o samba, a *Mangureira* (escola da qual se torna



Hélio Oiticica. “Cabo Parangolé P15 11, Eu encargo a revolta (P15 Parangolé Capa 12, Eu Incorporo a Revolta)” usado por Nildo da Mangureira, 1967.

passista) e a arquitetura particular das favelas a que *Tropicália* faz referência. A “antiarte ambiental” inaugurada aí aparece sistematizada teoricamente no texto escrito pelo artista, *Nova Objetividade Brasileira*, que dialoga tanto com os postulados das vanguardas brasileiras, quanto com referências variadas da arte internacional, como a arte povera, a arte conceitual, as propostas dadaístas e construtivistas.

O que Raymundo Colares e toda a sua geração nos deixou de herança?

Como as obras desses artistas influenciaram a arte atual?

Quais reverberações podemos perceber ao pensar sobre as obras desses artistas no momento atual?

Como a cor e a forma fazem parte da sua vida?

Capa do álbum '*Tropicália ou Panis et Circensis*', 1968.



crie poéticas com a cor!

Crie ambientes, desenhos e histórias onde a cor e a forma sejam protagonistas! Imagine uma paleta de cores para os seus dias! Crie um diário cromático!

POD
CAST
ouça

AS CRIANÇAS E OS PROCESSOS CRIATIVOS

da educadora Amanda Pontes. Nele ela sugere muitas brincadeiras relacionadas ao universo de Colares!

A *Tropicália* de Hélio Oiticica traz consigo uma potência que abrange muito da efervescência cultural daquele período. A partir disso, o músico Caetano Veloso compôs uma canção com o mesmo título, que posteriormente também foi usado para batizar o álbum considerado o manifesto do Tropicalismo, composto por Caetano junto com os músicos Gilberto Gil e Tom Zé, o grupo Os Mutantes e a convidada especial Nara Leão. As composições são dos

poetas Torquato Neto e Capinam e os arranjos são de Rogério Duprat. A capa do álbum foi realizada pelo artista visual Rubens Gerchman.

Essa nova visão de Brasil – evocada por Raymundo Colares através do seu desejo de desbravar a cidade nos seus ônibus como um flâneur moderno, entranhando-se nas profundezas de uma das maiores capitais do país – aparece no trecho “sem lenço e sem documento” cantado por Caetano na canção Tropicália. Essa era a nova

visão de Brasil trazida com todo esse movimento: as guitarras e aparições performáticas dos tropicalistas substituindo a calma burguesa da bossa-nova; as cidades que se modernizavam rapidamente, oprimindo fortemente as periferias; as questões políticas que polarizavam o país e que foram muito bem representadas nas alegorias do cineasta Glauber Rocha.

Nota-se um desejo antropofágico de buscar compreender a história do Brasil, a terra que era dos índios e que,

por conta de um duro processo de colonização, traz as marcas da inqualificável escravidão africana. Tudo isso caminhava lado a lado com o desejo de uma geração que queria o acesso à arte para todos, buscando conexões longe das elites, com a possibilidade de abranger mais pessoas. Havia uma grande constelação de diálogos. Manifestações artísticas da literatura, teatro, cinema e artes visuais exprimiram um país a um só tempo alegre e profundamente marcado pelo medo, pela repressão, pela tortura e pela tristeza que o golpe militar trazia à vida dos brasileiros.

Além disso, havia um desejo de romper com a separação entre arte e vida, uma característica da sensibilidade modernista. Isso se revelava na valorização do vivencial e do processual compreendidos como mais importantes do que a concretização de uma ideia ou do que a própria obra acabada: os processos envolvidos na realização de uma obra eram tidos como muito potentes.

para saber mais

filmes & vídeos

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS | O SOM DO VINIL

Canal Brasil

O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO

Glauber Rocha

MARANHÃO 66

Glauber Rocha

COLARES 1987

Sérgio Bernardes (Vídeo sobre a obra e a vida de Raymundo Colares)

música

ÁLBUM TROPICÁLIA

Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil, Nara Leão, Os Mutantes e Tom Zé

ESPECIAL EM ÁUDIO: NU COM A MINHA MÚSICA: CAETANO VELOSO CANÇÃO POR CANÇÃO

Caetano Veloso conta como fez algumas de suas composições

livros

Coleção infantil "Livros Para o Amanhã" (Boitatá) sobre política e direitos humanos

A DITADURA É ASSIM

Editora Boitempo

A DEMOCRACIA PODE SER ASSIM

Editora Boitempo

Caetano Veloso veste o "Parangolé P4 Capa nº1", de Hélio Oiticica. 1968.

[Recorte] Cartaz de "Deus e o diabo na terra do sol", de Glauber Rocha. 1964.

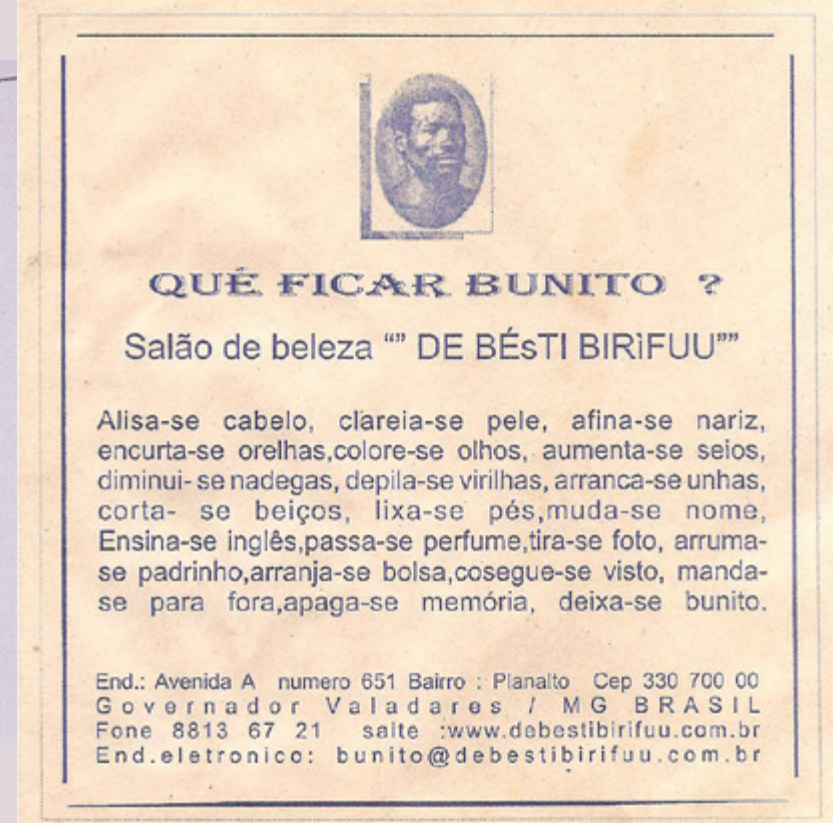




Foto: Andreas Valentim / Fonte: [Reprodução] Enciclopédia Itaú Cultural



Hélio Oiticica. "Seja Marginal, Seja Herói" (Bandeira-poema), 1968.



Paulo Nazareth. Panfleto Paulo Nazareth-Arte Contemporânea/Ltda, 2010.

Imagem: Paulo Nazareth / Fonte: blog do artista.

DERIVAS PARA PENSAR,
CRIAR E SONHAR
UM NOVO MUNDO
COM LUGARES
MAIS RESPEIT
SOS, AMOROS
E SUSTENTÁVE



crie uma cidade, bairro, país ou mundo dos sonhos!

Descreva, desenhe, faça um filme, um áudio com amigos, como você quiser! Imagine como seriam as casas das pessoas, as relações entre elas, os códigos de respeito, a alimentação, o cuidado com a natureza e a democracia.

Observe se existe em sua comunidade algo que você possa fazer para transformar a sua vida e a vida das outras pessoas!

Pense como você pode criar novas aproximações, novas realidades e se planejar para tornar seus sonhos realidade!

Sugerimos aqui uma pesquisa sobre livro A Utopia, de Thomas More.

artes visuais

PAULO NAZARETH

Conheça Paulo Nazareth, um artista contemporâneo reconhecido internacionalmente por seu trabalho. E como se lê na página do PIPA sobre o artista: *O corpo é presente em todo o trabalho de Paulo Nazareth. O artista coleciona (...) leituras iconográficas (...) acerca dos objetos, lugares, discursos asseverados e costumes socioculturais, executando em todo o seu trabalho uma narrativa pictórica que vai além de técnicas comuns, buscando colocar corpos físicos em espaço expositório.*



PERIFERIA, O CORAÇÃO DO BRASIL!

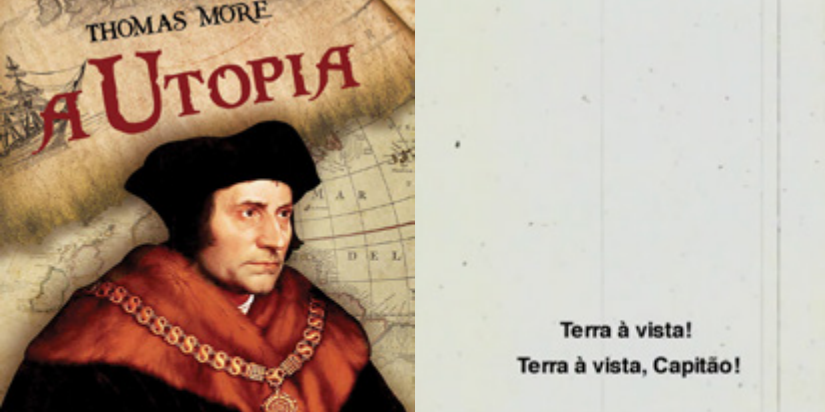
Apesar dos nossos enormes problemas socioeconômicos, hoje em dia vemos alguma circulação de vozes periféricas nas artes. Mas isso nem sempre foi uma realidade. Os trabalhos nesta seção evocam questões como:

Que relações de proximidade observamos entre essas obras?

Por que hoje podemos ver artistas da periferia produzindo arte mas na década de 1960 não havia esse espaço para artistas periféricos?

Como você imagina que foram os 300 anos de escravidão no Brasil?

Qual a importância dos trabalhadores do Brasil? Qual a evidência que a periferia ganha em meio a uma pandemia?



livros

A UTOPIA

Thomas More

A palavra utopia foi criada a partir do grego e significa "lugar nenhum". Ela foi inventada pelo escritor, humanista e estadista Thomas More (1478-1535) para dar nome a uma ilha fictícia e ao livro em que o autor apresenta essa ilha. Em Utopia, o autor descreve uma república imaginária governada pela razão, tendo como um de seus objetivos combater a realidade cheia de conflitos característicos da política europeia à época. Os temas tratados no livro são considerados atuais até hoje, como paz, guerras, finanças, poder, colonização e economia. Thomas More, que era um diplomata inglês, teria escrito Utopia em maio de 1515 nos intervalos entre as negociações realizadas em Flandres para defender os interesses de mercadores londrinos. Na ocasião, havia uma disputa entre o reino da Inglaterra e o príncipe de Castela, Carlos, girando em torno da proibição pelos holandeses da importação de lã fabricada na Inglaterra.

Em paralelo a esse livro, sugerimos que assistam ao vídeo Vera Cruz, uma obra da artista contemporânea Rosângela Rennó.

artes visuais

VÍDEO VERA CRUZ

Rosângela Rennó

O vídeo foi feito em 2000, no âmbito das comemorações dos 500 anos da chegada dos europeus no Brasil, e foi premiado no 13º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil, em 2001. Inspirado na carta de Pero Vaz de Caminha, o vídeo trabalha a ideia de que um documentário sobre o descobrimento do Brasil seria impossível. Por essa razão, não são mostradas imagens representativas do momento histórico posto em questão, mas apenas imagens de películas desgastadas, evocando processos de apagamento literal e metafórico. No vídeo vemos somente um relato que, como se lê na sua própria descrição, *assume uma forma de texto-
legenda de imagem nenhuma.*

POD
CAST
ouça

NARRATIVAS DE MUSEUS E ESCOLAS DENTRO DE CASA VIA TECNOLOGIA

um podcast idealizado pelo educadore Rudá Lemos que, junto com Carolina Santana, coordenadora do projeto, discute um pouco sobre tecnologias para uma nova educação e "ilhas" para um novo mundo.

ILHAS PARAÍSO PINDORAMA

O livro Utopia e o vídeo Vera Cruz traçam paralelos interessantes sobre a potência da imaginação e do nosso poder crítico diante do mundo. Thomas More cria uma obra de intenso pensamento filosófico e político e Rosângela Rennó questiona a narrativa da história que nos é contada a partir da carta de Pero Vaz de Caminha, escrita quando os portugueses chegaram ao Brasil ou Pindorama, como alguns povos indígenas chamavam essa terra.

Como o Brasil e a ilha de Utopia poderiam ser parecidos?

Como viviam os povos de Pindorama antes dos portugueses chegarem?

Você conhece algumas das línguas que eram faladas no Brasil no período da colonização?

Será que a comunicação era fácil? Índios, africanos e portugueses...

Como nos comunicamos com as outras pessoas do país hoje?

Será que conseguimos nos organizar bem para formar uma nação que cuida de todos?

Tente desenvolver, desenhar ou narrar histórias, questões ou respostas suscitados por essas perguntas!

podcast

LÍNGUA GERAL DE MINA

Babel Podcast

Para saber mais sobre as línguas indígenas, indicamos um episódio do Babel Podcasts que traz vários pesquisadores que estudam línguas diferentes e que discutem a língua geral de mina, falada em Vila Rica, atual Ouro Preto, MG, no período da colonização.





CORPO POLÍTICO

Raymundo Colares, pertencente ao grupo dos neoconcretos, ou pós-neoconcretos, como dizia Hélio Oiticica, tem aspectos muito importantes a serem observados: artista negro, vindo de Minas Gerais, vai estudar no Rio de Janeiro e se depara com uma cidade pulsante de acontecimentos.

Ele começa a fazer um curso livre com artistas que hoje são considerados os maiores nomes da arte brasileira. Ele era o único artista negro do grupo que mais teve destaque daquele período e acabou morrendo jovem e de maneira trágica.

Imerso na máquina da cidade que não para, como cantou nosso outro grande artista Chico Sience, Colares traz sua vivência intensa da cidade, seus grandes e ininterruptos fluxos de modernidade, como a tônica de sua pesquisa.

Antonio Manuel, Artur Barrio, Raymundo Colares e Cildo Meireles, na Galeria Paulo Klabin, Rio de Janeiro, 1983.

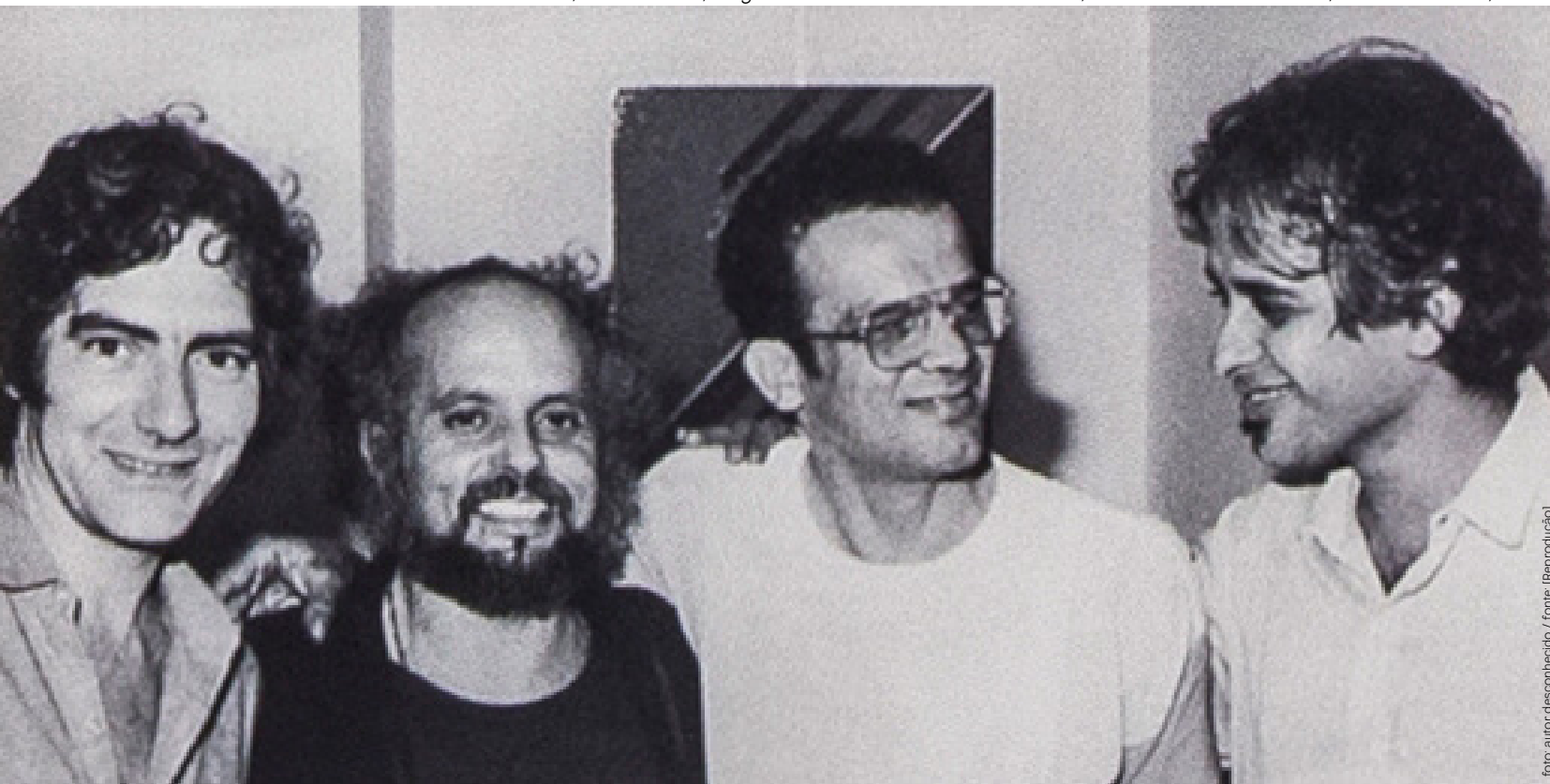


foto: autor desconhecido / fonte: [Reprodução]

Por que será que Raymundo Colares era o único negro no grupo de artistas do qual ele fazia parte?

E se houvesse outros, será que você os conheceria?

Por que alguns grupos sociais ficam com mais evidência que outros?

Quantos artistas negros você conhece?

Você sabe a diferença entre racismo e antirracismo?

O racismo no Brasil e o ingresso dos negros em vários âmbitos da nossa sociedade e no mercado de trabalho são temas importantes quando falamos de Raymundo Colares. Mesmo tendo morrido jovem, é notável que sua produção nos conduza a um olhar profundo sobre a materialidade da obra de arte, através de uma densa pesquisa sobre a cor, a forma e a relação entre público e obra. Sua produção nos mostra como um artista negro pode e deve empreender grandes feitos e pesquisas em áreas



diversas, sem se ampararem em estereótipos ou temas que circundam questões raciais.

Atualmente vemos um grande movimento de pessoas pensando esse tema tão importante na história da humanidade, um tema que deveria ter sido superado, mas que está. Por que ainda existe o racismo? Como a inclusão dos negros na sociedade se dá? Como, por que e por quanto tempo os colonizadores exploraram tão amplamente o continente africano?

EXPERIÊNCIA CONCRETA

Jaime Lauriano

Experiência concreta é uma série que busca compartilhar relações entre trabalhos, ações e artistas por artistas pertencentes ao movimento de arte concreta e neoconcreta brasileira, e violência contida na história do Brasil. O intuito aqui não é buscar uma



Jaime Lauriano. "Experiência concreta nº 1 (diálogo de mãos)", 2017.

genealogia do pensamento social brasileiro através de diferentes maneiras de exibição de fatos históricos e sociais (artes plásticas e / ou imagens de violência). Esta série de trabalhos intenta mostrar como alguns procedimentos cotidianos, como por exemplo, atar



Jaime Lauriano. "Experiência concreta nº 2 (diálogo de mãos)", 2017.

mãos formadas ou símbolo de infinito, podem estar presentes em empresas representativas do mundo. Ou mesmo como formas simples como um triângulo, podem revelar as perversidades do tráfico e das rotas comerciais escravocratas. (Jaime Lauriano)



Jaime Lauriano. "Experiência concreta nº 7 (triângulo atlântico)", 2019.



Jaime Lauriano. "Experiência concreta # 6 (triângulo atlântico)", 2019.

para saber mais**PARA ENTENDER O RACISMO NO BRASIL E NO MUNDO**

livros

PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA

Djamila Ribeiro

textos

TEXTOS DE WINNIE BUENO

Winnie Bueno (iyalorixá, ativista dos movimentos sociais negro e feminista)

artigo

NEGROS E NEGRAS BRASILEIROS QUE DEVERIAM SER MAIS ESTUDADOS NAS ESCOLAS

de Laís Modelli para a BBC Brasil

entrevistas

ENTREVISTA COM JUREMA WERNECK

Jurema Werneck (médica e doutora em comunicação e cultura pela UFRJ)

ENTREVISTA COM LILIA SCHWARCZ

Lilia Schwarcz (historiadora, antropóloga e professora da USP)

ENTREVISTA COM GRADA KILOMBA

Grada Kilomba (doutora em psicologia clínica e psicanálise, escritora, ensaísta e artista)

filmes

12 ANOS DE ESCRAVIDÃO

Steve McQueen

SEM ASAS

Renata Martins

REPÚBLICA

Grace Passo

KBELA

Yasmin Thayná

NÃO SOU TEU NEGRO

Raoul Peck

artistas

PARA CONHECER MAIS ARTISTAS NEGROS BRASILEIROS**CASTIEL VITORINO BRASILEIRO CRIOLA****DAYANE TROPICAOS****JAIME LAURIANO****PRISCILA REZENDE****RAFAEL RG****ZAICA DOS SANTOS****AFROFLIX**

plataforma gratuita que disponibiliza conteúdos audiovisuais on-line como filmes, séries, web séries, programas, vlogs e clipes que possuem pelo menos uma área de atuação técnica/artística assinada por uma pessoa negra.

A
A A
A I A
A I I A
A I E I A
A I E E I A
A I E T E I A
A I E E I A
A I E I A
A I I A
A I A
A
A

A FORÇA DA PA LA VRA

**Ultrapassagem – Pista Livre – Ocor-
rência em uma trajetória – Ponto
de mudança – Tentativa de ultra-
passagem – Ultrapassagem – Pista
Livre – Frequência com 225007 –
Trajetórias – BK:X!...YZ?AELMX!YZ;
AB – Palavras – Palavras – Palavras
– Dinamismo – Superfícies – Mo-
dulações – Caminhos Cruzados –
Planos – Tempo – Espaço – Veloci-
dade – Justaposições – Conexões
– Desconexão – O Sol – A Poeira –
A Morte na estrada – A Morte –
“I think it’s time to get back home”**

A transcendência e experimentação da década de 1960 influenciaram a poesia concreta e a construção da imagem-palavra através de diversas experimentações. Raymundo Colares produziu alguns trabalhos com essas experimentações visuais entre a imagem e a palavra, explorando a poesia visual.

O Plano propõe que o poema concreto se livre da alegoria metafórica e se projete como (...) objeto em e por si mesmo, e não como um intérprete de objetos exteriores e/ou sensações mais ou menos subjetivas. Nesses moldes, o fazer-se poético dos concretos exacerbava o imaginário e o lado inventivo do ser humano, tendendo a aproximar-se de processos estruturais que marcaram o futurismo (italiano e russo), o dadaísmo, e, em parte, o surrealismo. Os seus experimentos

```
viver uma vez so
viver uma vez
viver uma
viver
                                     so
                                     vez so
                                     uma vez so
viver uma vez so
```

objetivavam atingir e explorar as camadas materiais do significante, ou seja, tratavam o som, a linha, a letra e o próprio espaço inerente à superfície da página como partes integrantes do poema. Assim, definia-se não a partir do tema, mas de sua própria estrutura verbivocovisual – aspecto responsável pela sua mobilidade em diferenciados campos artísticos. (Manifestações culturais nos anos 60, por Sandra de Cássia Araújo Pelegrini)

TESTES SONOROS DE WALY

Para vivenciar as noções amplas, sonoras, criativas e imaginativas da poesia visual, trazemos aqui um conjunto de poemas intitulados Testes Sonoros, do Waly Salomão.

livros

WALY SALOMÃO

Waly Dias Salomão (Jequié, Bahia, 1943 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003). Poeta, produtor cultural, diretor artístico e letrista de música popular brasileira. Nascido no interior baiano, filho de um imigrante sírio e de uma sertaneja, Waly Salomão é um dos expoentes do tropicalismo, movimento cultural que reúne poetas como Torquato Neto (1944 - 1972), Duda Machado (1944) e músicos como Caetano Veloso e Gilberto Gil. (Enciclopédia Itaú Cultural)



narrativas experimentais

Os testes sonoros são uma possibilidade incrível de gravar áudios, propor duelos de leitura entre amigos e se divertir com arte! Vale muito a pena ler em voz alta!

ANAMNÉSIA
SALIVA PRIMA
ANAMNÉSIA

eu nasci num canto
qualquer дума cidade pequena fui pequeno
depois nasci de novo numa cidade maior
depois nasci de novo numa cidade maior dum modo completamente diverso do
dum modo completamente diverso do nascimento anterior depois de novo nasci
nascimento anterior depois de novo nasci de novo numa cidade ainda maior e fui
de novo numa cidade ainda maior e fui virando uma pessoa que vai variando seu
virando uma pessoa que vai variando seu local de nascimento e vai virando vária e vai
local de nascimento e vai virando vária e vai variando vária e de novo nasci de novo nasci
variando vária e de novo nasci de novo nasci de novo na maior cidade e pra variar
de novo na maior cidade e pra variar não me conheço como tendo nascido só
não me conheço como tendo nascido só num único canto num único só lugar num
num único canto num único só lugar num numnum eu nasci num canto
num numnum eu nasci num canto qualquer дума cidade pequena fui
qualquer дума cidade pequena fui pequeno depois nasci de novo numa
pequeno depois nasci de novo numa cidade maior dum modo completamente
cidade maior dum modo completamente diverso do nascimento anterior
diverso do nascimento anterior depois de novo nasci de novo numa
depois de novo nasci de novo numa cidade ainda maior e fui virando uma
cidade ainda maior e fui virando uma pessoa que vai variando seu local
pessoa que vai variando seu local de nascimento uma pessoa variando se
de nascimento uma pessoa variando se variando uma variando de vários de
variando uma variada de vários de avião de viagem de avião de
avião de viagem de avião de de de de de

pois por isso sou sempre sou sem mestre não há mestre não há nenhum mestre de dentro de si o mestre um mestre sabe que não há o mestre um mestre pra de dentro de si sabe uma cabeça tonta que não se apressa em concluir um mestre de dentro de si sabe uma energia tonta os sentidos tontos a idéia tonta o juízo tonto a tesão tonta uma cabeça de lanceira um sangue quente

pois por isso de dentro de si de dentro de si dentro de si de si o mestre um mestre toma tudo há tudo que mostra a mim que não há nenhum mestre algum para o quem um para o quem o que não é escolar servo seguidor adepto partidário escolar discípulo servo seguidor escolar há tudo que mostra a mim há tudo que há erro confusão MISTURA quase sempre pois por isso brota um sem padrão nem apadrão PADRÃO discomum que num repentino de supino

de supetão descamba a brotar

GRUPOS TESTE

RELEVO 2

o mestre um mestre
um mestre o mestre
quem tem um tem um
quem tem um tem o um
quem tem um tem um o um
quem tem o tem o
quem tem o tem um o
quem tem o tem o um o

TESTE SONORO

o o o o o UM
um um um um um O

TESTE SONORO

RELEVO 3

O U OS US
CÉO CÉU CÉOS CÉUS

sem a tua sem a tua sem a tua com
há uma hora que deus falta igual falha o ar aos pulmões dos vivos e neste mei tempo falta faz falha falta e quem tem tem de ter tem de ter tem de ter tem um tanque de reserva de oxigênio qual que for pra varar o bréu sobresi condição semelhante ao peixe enquanto nada na água fria há uma hora que deus falta igual falha o ar nas guelras dos peixes vivos e neste mei tempo falta faz falha falta e quem tem tem de ter tem de ter tem de ter de ter de ter tem um tanque de reserva de qual oxigênio de qualquer espécie de gás de qualquer gasolina óleo os santos óleos igual ao peixe vivo que nada enquanto a condição dada nadada é de água fria céu de peixe vivo é viver dentro é viver perto da tua companhia
PÃ PÃ PÃ PÃ PÃ PÃ

signal é um sinal são sinais é um primeiro sinal é um depois do primeiro é um buquê de sinais é um sinal é uma sinaleira é um taliquil e coisa e fim que cedo somente tarde começou a cla mais cla mais clarear de vez em vez de vez em quando de quando em quando em quando de quando em vez de vez em vez de vez de quando de vez sem talvez nem talvez nenhum talvez acendendo de vez o lue do lume ela cai tão que não há tempo de formular um pedido se tem pedido de desejo me ensina rápido que não sei um desenhado já em 3 menos segundos desejo estalado que se real na luz mesma da mesma cadência cadên cair d'estrela eu quero ter o desejo nesta hora que eu desejo sem imaginar a vida total qual é é é é é é poder átimo de ressaltar desprovido do prévio e sendo sim anúncios luminosos que são em si por si no ato próprio de luzir luzbel eu gosto de me sentar aqui onde nunca se diz coisa alguma recordada eu gosto sempre de sentar a mim aqui no tempo onde se avista produz os brilhos ficar aqui fora no tempo sentado ou andando sentando ou sentando ou andando ou sentado ou andado ou ou ou ou

PENSA- POEMA

Para criar poesias visuais, podemos ainda usar muitos materiais simples do nosso cotidiano, como jornais e revistas. Recortar, desenhar e recriar diante dessas imagens pode ser muito divertido!



poemas com um grupo de palavras

Para criar poemas visuais podemos começar pensando na fragmentação e sonoridade das palavras.

Selecionamos abaixo algumas palavras que se relacionam à obra de Raymundo Colares. Ao lado fragmentamos algumas delas. Nos fragmentos podem ser inseridas outras palavras, letras, símbolos ou cores. Você pode criar a narrativa sonora-visual que quiser! E pode tentar também escolher outro grupo de palavras e então criar as suas fragmentações e narrativas a partir desse novo grupo.

movimentar	dialogar
sonhar	ar
insurgir	nação
alcançar	cidade
inventar	ação

A
A A
A I A
A I I A
A I E I A
A I E E I A
A I E T E I A
A I E E I A
A I E I A
A I A
A A
A

movi _____
so _____
_____ ar _____ surgir
_____ in _____ dia
_____ urgir _____
_____ movi _____

ARARARARARARARAR
ARRARRARRARR
ARRARRARRARR
ARRARRARRARR
ARRARRARRARR
ARRARRARRARR
ARRARRARRARR

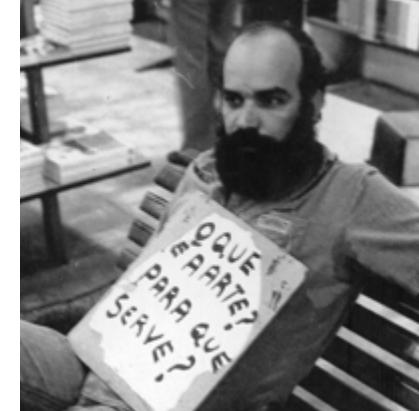
SONHAR _____ NAÇÃO

INVENTAR _____ CIDADE

DIALOGAR _____ ALCANÇAR

INSURGIR _____ AÇÃO

MOVIMENTAR _____ AR



artes visuais

PAULO BRUSCKY

Paulo Bruscky é um artista brasileiro que também iniciou sua carreira como artista na década de 1960. Suas obras permeiam o universo visual da palavra, do corpo e da arte postal.



use um livro como oráculo!

Faça uma pergunta mental a um livro e abra-o em uma página com os olhos fechados!

POD
CAST
ouça

AS ROTINAS E NOVAS MANEIRAS DE PENSAR O MUNDO

de Ian Gavião. Nele o educador-artista mergulha em um ensaio narrativo muito poético!



MERG ULHO DO CORPO



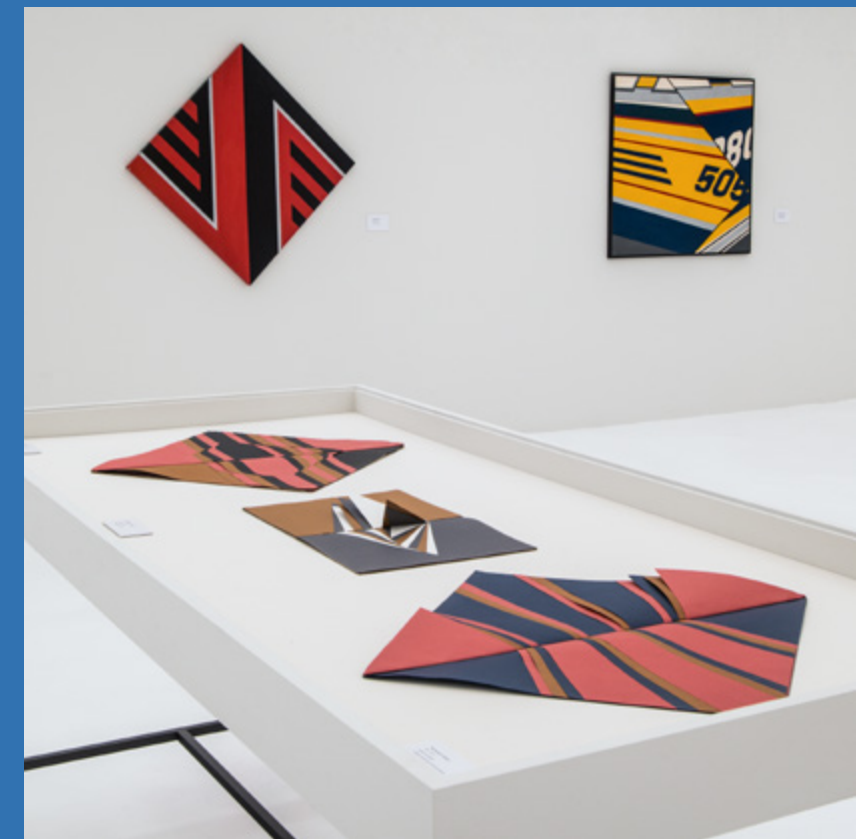
GIBIS DE COLARES

Os Gibis de Raymundo Colares são obras sensoriais que o artista criou sob a influência de histórias em quadrinhos. Trata-se dos famosos livros de artista de Colares.

Você sabe o que é um livro de artista? Segundo Bernadette Panek (2006), o livro de artista é um tipo especial de livro frequentemente usado por artistas como veículo para narrativas experimentais. É um material criado de forma totalmente livre para expressar, relacionar, e comunicar diversas ideias e intenções, podendo ser curto e simples ou longo e complexo.

Em seus Gibis, Raymundo Colares manifesta um desejo que era muito forte na produção artística da década de 1960: o desejo de que o espectador interaja com a obra. O artista procura anular a distância entre público e obra, para assim compreender melhor a importância de aspectos da participação sensorial e emocional que envolve a noção de arte e vida conectadas.

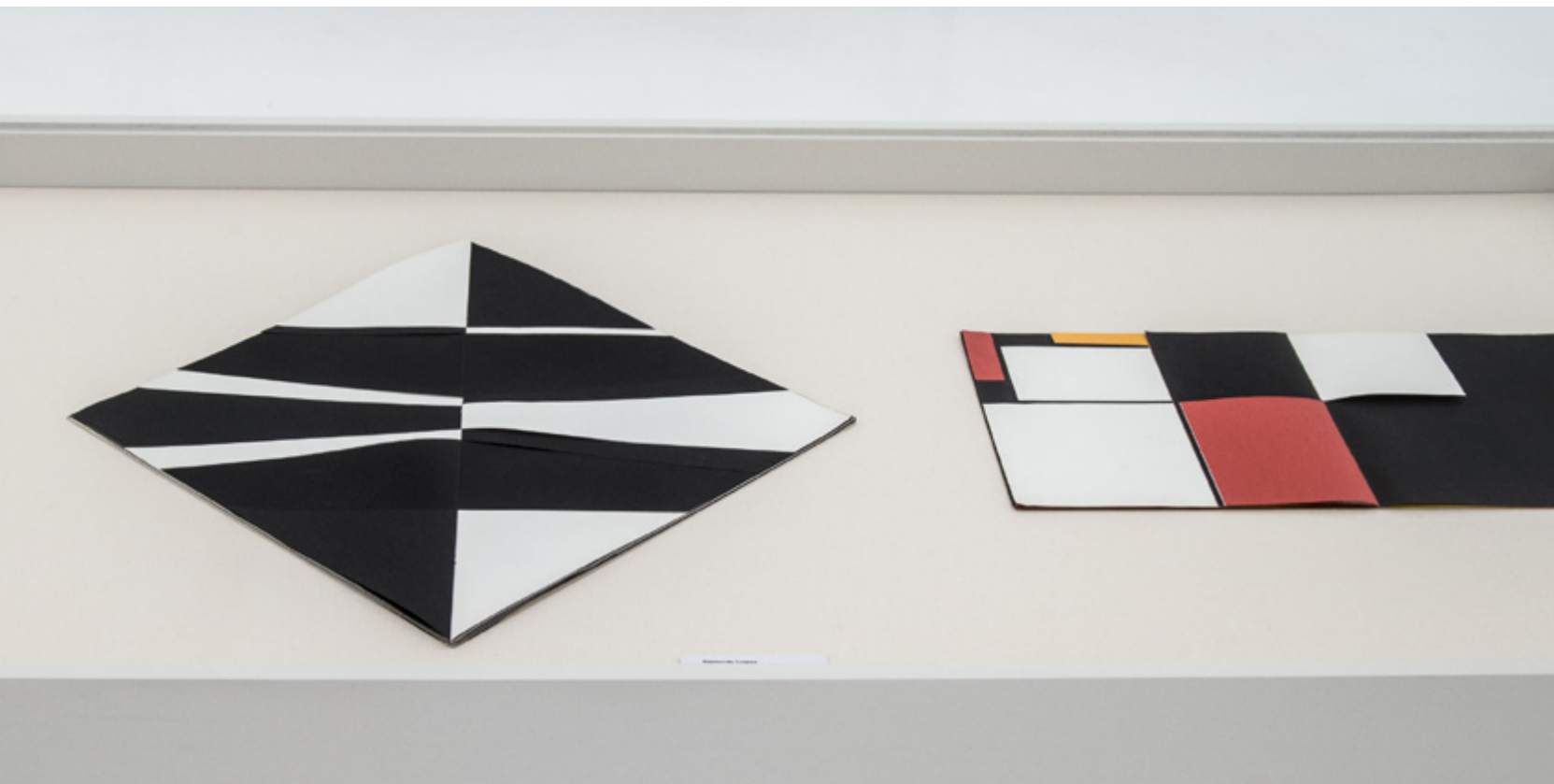
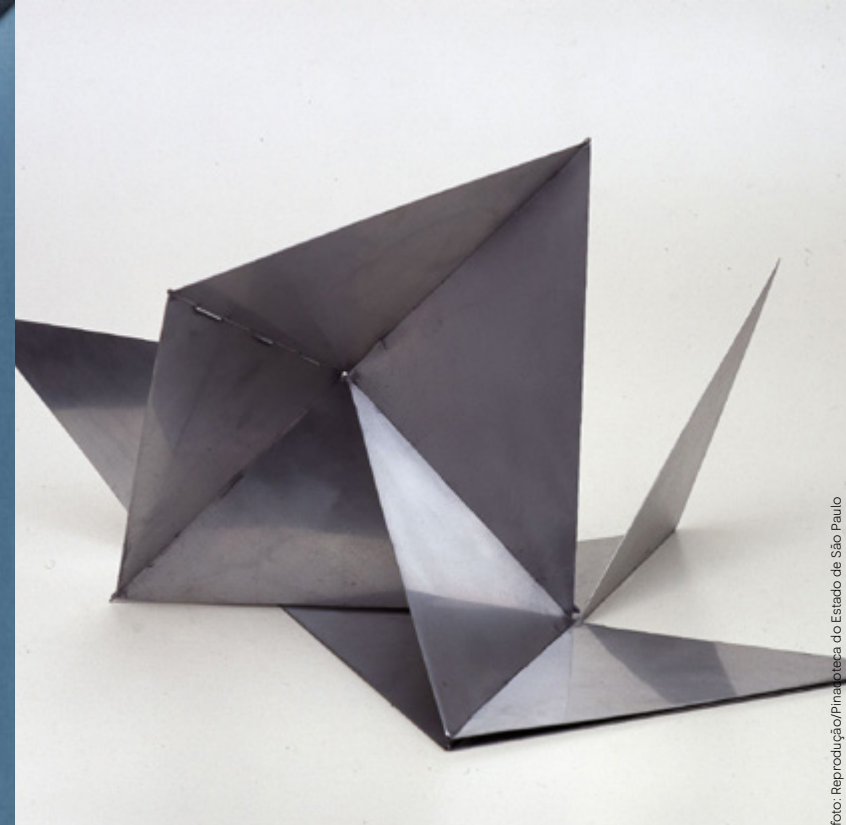
Nos Gibis, a cada transição de página, o espectador se depara com uma nova composição, uma



nova obra. Esse manusear da obra – ver, sentir e observar – apresenta-se como uma grande potência para que o espectador tenha uma experiência sinestésica e de profunda observação.

No trecho ao lado, citado por Morethy Couto (2012), Hélio Oiticica (1986) faz uma observação interessante acerca desses novos objetos perceptivos que sua geração produziu:

Essa magia do objeto, essa vontade incontida pela construção de novos objetos perceptivos (tácteis, visuais, proposicionais etc.), onde nada é excluído, desde a crítica social até a penetração de situações-limite, são características fundamentais de nossa vanguarda, que é vanguarda mesmo e não arremedo internacional de país subdesenvolvido, como até agora o pensa a maioria de nossas ilustres vacas de presépios da crítica podre e fedorenta.



BICHOS & GIBIS

Contemporânea de Colares, Lygia Clark foi uma importante artista que também deixou um legado incrível com sua obra e pesquisa artística. Sua obra Bichos, anterior aos Gibis de Colares, tem uma forte influência da arte relacional conectada à geometria. Vemos aí um encontro sinestésico de obras que nos instigam a movimentá-las!

artes visuais

LYGIA CLARK

Pintora e escultora brasileira, é uma das fundadoras do Grupo Neoconcreto e participante da exposição Nova Objetividade

Brasileira e Opinião 66, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). Leciona na Faculté d'Arts Plastiques St. Charles, na Sorbonne, entre 1970 e 1976. De volta ao Brasil em 1976, concentra sua pesquisa nos estudos terapêuticos da arte sensorial e dos objeto relacionais.





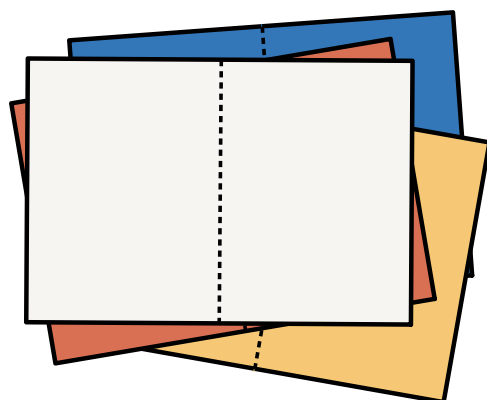
faça seu próprio gibi

Bichos e Gibis são obras que foram idealizadas para o acesso de todos! Pensando nisso, que tal tentarmos reproduzir um gibi.

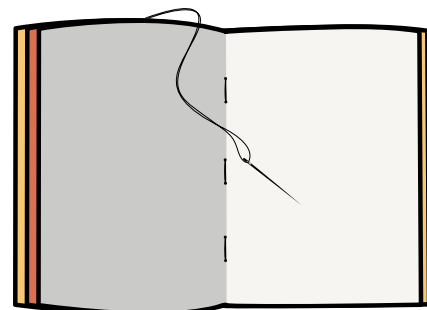
Com papel e tesoura você pode pensar em um gibi todo seu! As cores e recortes são os grandes protagonistas nessa imersão!

Vamos começar?!
Siga os seguintes passos:

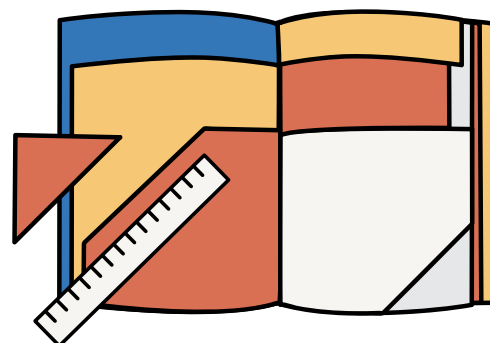
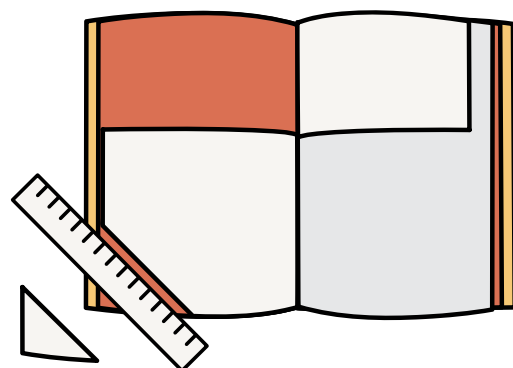
1. Dobre ao meio folhas de formatos iguais e cores diferentes.



2. Com a supervisão de um adulto, junte as folhas usando grampo ou costura.



3. Agora com o caderno montado, faça diferentes cortes com a régua entre as páginas para as sobreposições acontecerem.



A CIDADE É UM CORPO

Quem imaginaria que viveríamos um momento tão peculiar como o de agora, quando somos obrigados a nos apartar do convívio social e dessa máquina-cidade que nos consome, ou melhor, que nos consumia... O que Raymundo Colares diria se estivesse aqui agora? Ele que imaginou que os caminhos da modernidade eram sem volta e que impactariam toda a sociedade de

maneira irreversível... Hoje vemos que realmente o planeta precisa respirar e que o impacto de uma maneira de viver acelerada culminou em um momento muito delicado para todos nós.

Como os atravessamentos da cidade reverberam em nossas vidas, em nossos corpos, em nossa casa, em nossas roupas, em nossos pensamentos?

Quais locais da cidade são parte fundamental de sua história?

Como recriar a cidade no seu corpo?

Você já imaginou como era o terreno onde você mora 100 anos atrás? Como eram as construções, as rotinas e impacto desse modo de viver?

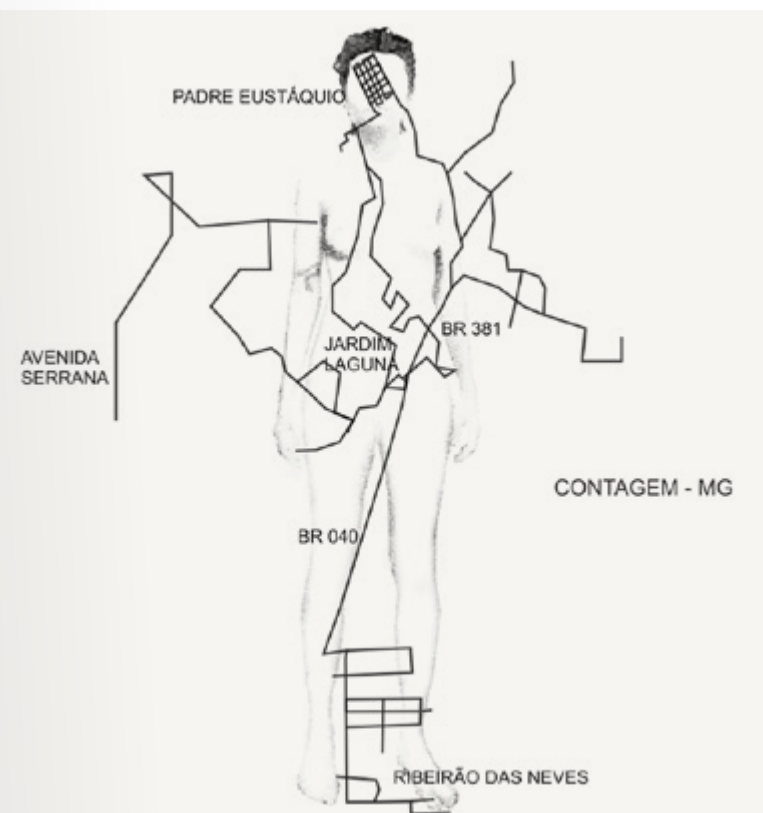


Imagem: Ana Pedrosa

**POD
CAST**
ouça

EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DERIVA

a artista e educadora Ana Pedrosa fala sobre a Teoria da Deriva como uma possibilidade de conhecer a cidade e pensar poéticas para o corpo.

O CORPO COMO CURA

Compreendendo o corpo como nossa primeira casa, como algo que mergulha nas experiências e nos faz ser quem somos, trazemos aqui mais apontamentos sobre as obras de Lygia Clark. A poética dessa

Lygia Clark. "O eu e o tu: série roupacorpo-roupa, corpo-roupa". 1967. Macacões de borracha, espuma, tecido, acrílico. Coleção Família Clark.



Foto: Associação Cultural O Mundo de Lygia Clark

artista baseou-se numa reflexão sobre a não-representação e a superação do suporte, o que gerou obras inovadoras, sensoriais, que visam à desmistificação da arte e do artista e à desalienação do espectador, que passa a compartilhar da própria criação da obra. Ao fim de sua carreira, Lygia Clark dedicou-se à prática terapêutica, iniciando uma profunda e inovadora trajetória no estudo da arte e da terapia. Associar sua obra a um momento em que temos a possibilidade de estarmos mais com nós mesmos pode nos fazer mergulhar em belos processos de autocuidado e renovação.

Como você cuida de sua "casa", pensando no seu corpo como essa potente morada?

E do corpo do outro?

Como encontros e desencontros modificam ou marcam suas estruturas corporais?



Lygia Clark. "Máscara abismo com tapa-olhos". 1968. Coleção Família Clark.

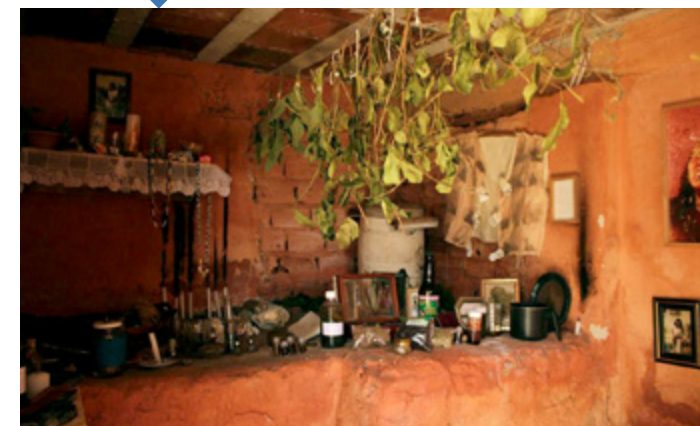
Foto: Associação Cultural O Mundo de Lygia Clark

artes visuais

QUARTO DE CURA

Castiel Vitorino Brasileiro

A instalação Quarto de Cura é um exemplo importante de sua obra. Assista ao documentário sobre essa instalação. Para outros trabalhos da artista, visite seu site.



Castiel Vitorino Brasileiro. "Quarto de Cura", 2018.

Foto: site da artista

Paralelamente à reflexão sobre a obra de Lygia Clark e ao mergulho de Colares nas cidades – e tendo em mente todos esses corpos pulsantes que viveram e marcaram uma geração – podemos fazer uma viagem no tempo e perceber que, mesmo sem termos vivido aquele tempo, é muito potente o legado que essa geração de artistas fortes ainda faz ressoar. Esse legado se desdobra em diversas ramificações nas pesquisas dos artistas brasileiros de hoje.

Muito próxima da pesquisa de Lygia Clark, mas também explorando muitos outros conceitos, Castiel Vitorino Brasileiro é uma artista e psicóloga que *pesquisa e inventa relações em que corpos não-humanos se desprendem das amarras da colonialidade. Compreende a macumbaria como um jeito de corpo necessário para que a fuga aconteça. Dribla, incorpora e mergulha na diáspora Bantu, e assume a vida como um lugar perecível de liberdade.*

Atualmente, desenvolve estéticas macumbeyras de sua Espiritualidade e Ancestralidade Travesti. (Revista DR)

Analisando a obra Lygia Clark e Castiel Brasileiro, artistas separadas pelo tempo e com questões próximas e por vezes distantes, provocamos:

Como o processo de colonização ainda pode estar presente em nossos corpos?

Castiel Vitorino Brasileiro. "Aqui consigo falar", 2018. Fotografia digital e fotografia instantânea. Cordões feitos com conchas, buzios, missangas, e plantas coletadas no quilombo do Pai Felipe.



Foto: Castiel Vitorino Brasileiro / fonte: site da artista.



Foto: Rodrigo Jesus / fonte: site da artista.

Quais traumas aconteceram no processo de colonização do Brasil?

Como mergulhar no corpo e compreender a história de nossos ancestrais?

Como pensar um mundo onde os corpos e suas histórias são respeitados?



viver o corpo!

Twister Geométrico

Em um papel bem grande sobre o chão, desenhe formas geométricas. Faça um baralho com essas formas geométricas e desenhos ou fotos de partes do corpo.

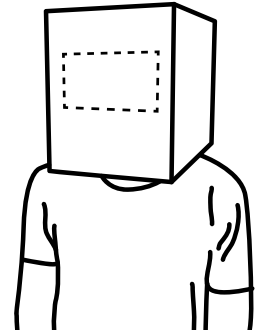
Sorteie uma carta de cada baralho. Insira a parte do corpo sorteada na figura geométrica sorteada. Faça várias jogadas e tente fazer muitas posições ao mesmo tempo!

Sinta como seu corpo resiste ao tempo em diferentes posturas, interações com o outro e com ele mesmo!

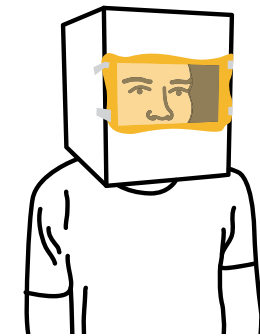


Filtros Coloridos

Pegue uma caixa de papelão de um tamanho que caiba a sua cabeça.



Na altura dos olhos, faça um recorte para você enxergar enquanto usar a caixa. Cubra a abertura com papel celofane colorido, rede ou tecido transparente.



O importante é criar um filtro que permita ver tudo mas com o "efeito" do filtro escolhido! E para além das brincadeiras, cuide com todo carinho de seu corpo-casa!



Small white label with text.



Small white label with text.



Small white label with text.



Small white label with text.



BIBLIOGRAFIA

CONCRETISMO. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo9594/concretismo>>. Acesso em: 12 de Jul. 2020.

CANONGIA, Ligia (Org.). *Raymundo Colares: de volta à estrada* [catálogo da exposição]. Realização: Centro Cultural Minas Tênis Clube. 2020.

COUTO, M. D. F. M. *Arte engajada e transformação social: Hélio Oiticica e a exposição Nova Objetividade Brasileira*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 25(49), 71-87, 2012.

CRUZ, Jorge Luiz. *Performance Livro*. UERJ. [Manuscrito]. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/jorge_luiz_cruz.pdf>. Acesso em: 24 de Jun. 2020.

ESPÍRITO SANTO, Caio Cyrilo Rosa do. *A experiência marginal de Hélio Oiticica* [Manuscrito]. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2015/relatorios_pdf/ccs/HIS/HIS-Caio%20Cyrilo%20Rosa%20do%20Espirito%20Santo.pdf>. Acesso em: 24 de Jun. 2020.

LYGIA Clark. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1694/lygia-clark>>. Acesso em: 11 de Jul. 2020.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PANEK, Bernadette. O livro de artista e o museu. Curitiba, *Anais do IV Fórum de pesquisa científica em arte*, 2006, p. 41.

RAYMUNDO Colares. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9691/>>

raymundo-colares>. Acesso em: 11 de Jul. 2020.

SEVCENKO, Nicolau. *Pindorama revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada*. Editora Peirópolis, 2000.

TROPICÁLIA. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3741/tropicalia>>. Acesso em: 12 de Jul. 2020.

WALY Salomão. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa55/waly-salomao>>. Acesso em: 11 de Jul. 2020.

PAULO NAZARETH. Prêmio Pipa, 2017. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/paulo-nazareth/>>. Acesso em: 11 de Jul. 2020.

Imagens sem legenda

pág. 31: Paulo Nazareth. Sem título, da série "Objetos para Tampar o Sol de Seus Olhos", 2010. | fonte: blog do artista.

pág. 31: Paulo Nazareth. "What is the color of my skin? / Qual é a cor da minha pele?", Paulo Nazareth e Moisés Patrício, 2013. | fonte: [Reprodução] Internet.

pág. 32: Capa do Livro "A Utopia", de Thomas More. | fonte: [Reprodução] Internet.

pág. 32: Rosângela Rennó. Frame do vídeo "Vera Cruz", 2000.

pág. 33: Post do instagram do Babel Podcast, correspondente ao episódio 12 - "Língua Geral de Mina".

pág. 44: Waly Salomão. | foto: Desconhecido | fonte: [Reprodução] Correio da Manhã/Arquivo Nacional.

pág. 47: Paulo Bruscky. Fotografia da performance "O que é arte? Pra que serve?", 1978, Recife. | fonte: [Reprodução] Internet.

pág. 53: Lygia Clark com uma de suas obras em 1972. | foto: Desconhecido | fonte: [Reprodução] Correio da Manhã/Arquivo Nacional.

GLOSSÁRIO VISUAL

Futurismo



Umberto Boccioni. "Il bevitore", 1914.
Óleo sobre tela. 87,5x87,5 cm.
Jucker Collection



Giacomo Balla. "dinamismo de um cão em uma trela", 1912.
Óleo sobre tela. 89,8 x 109,8 cm
Galeria de Arte Albright – Knox

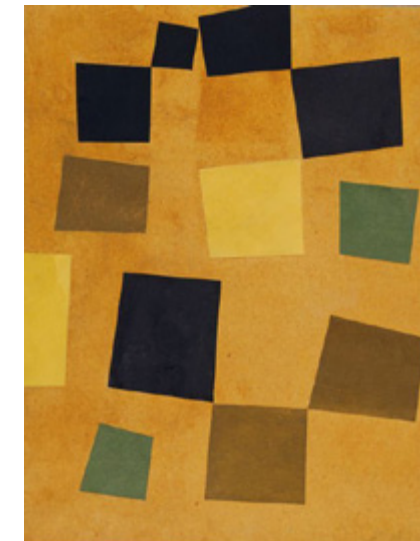


Carlo Carrà. "Composizione TA (Natura morta metafisica)", 1916-1918.
Óleo sobre tela. 54 x 70 cm
Museo di arte moderna e contemporanea di Trento e Rovereto

Dadaísmo



Marcel Duchamp. "Fonte", 1917. Paris



Hans Arp. "Colagem com quadrados dispostos segundo a lei do acaso", 1917.



Tristan Tzara. "Manifesto Dadá", 1918, Zurique.

Construtivismo Russo



Vladimir Tatlin. *Contra-Relevo de Canto*", 1914. Moscou.



El Lissitzky. "Beat the whites with the Red Wedge", 1919. Bielorrusia

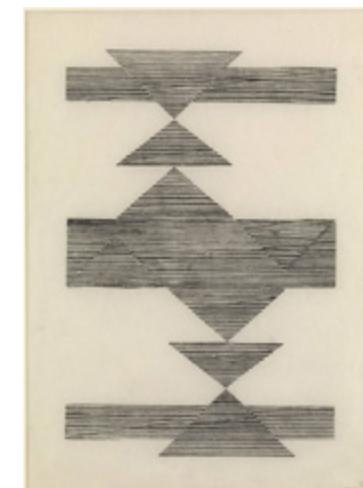


Varvara Stepanova. "Prozodezhda", 1923. Moscou.

Concretismo no Brasil



Judith Lauand. *Sem título*, 1956. Óleo sobre tela. 61 x 50cm. Stephen Friedman Gallery



Lygia Pape. "Tecelares", 1956. Xilogravura em papel. 45 x 33 cm Tate Modern



Ivan Serpa. "Faixas em Ritmo Resultante", 1956. Óleo sobre Tela. 83 cm x 83 cm

Concretismo no Brasil



Manifesto Grupo Ruptura



Waldemar Cordeiro. "Movimento", 1951 Têmpera sobre tela. 90.1 cm x 95.30cm Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo



Geraldo de Barros. "Função Diagonal", 1952. Laca na madeira MoMA



Aluisio Carvão. "Claroavermelho", 1959. Óleo sobre tela. 90 x 74 cm Col. Gilberto Chateaubriand MAM Rio



Helio Oiticica. "Metaesquema", 1958. Guache em papel. 55 x 63,9 cm. Tate Modern



Judith Lauand. "Pintura II", 1963. Têmpera em tecido. 59,5 x 59,5 cm.

FICHA TÉCNICA

CENTRO CULTURAL MINAS TÊNIS CLUBE

Presidente

Ricardo Vieira Santiago

Diretor de Cultura

André Rubião

Gerente de Cultura

Wanderleia Magalhães

Coordenação Técnica

Bruno Cerezoli

Assessoria de Imprensa

Cláudia Leal Viana

Educativo

Malacaxeta

EXPOSIÇÃO "RAYMUNDO COLARES:
DE VOLTA À ESTRADA"

Curadoria

Ligia Canongia

Coordenação de Produção

Maria Clara Rodrigues

Identidade Visual

Sônia Barreto

Susan Johnson (assistente)

Expografia

Leila Scaf

Museologia

Angélica Pimenta, Rio de Janeiro

Blanche Matos, Belo Horizonte

Revisão de Texto

Rosalina Gouveia

Fotografia

Jaime Acioli

Tratamento de Imagem

Edição da Imagem

Plotagem

Artwork

Cenotécnica

Artes Cênicas

Montagem das Obras

RBS Instalações e Montagens

Equipamentos Audiovisuais

Emersom

Transporte das Obras de Arte

Millenium Transportes

Seguro das Obras de Arte

Pro Affinité Consultoria

e Corretagem de Seguros

Projeto e produção

Imago Escritório de Arte

MATERIAL EDUCATIVO ON-LINE

"RAYMUNDO COLARES: DE VOLTA À ESTRADA"

Pesquisa e Conteúdo

Carolina Santana (Malacaxeta)

Projeto Gráfico e Diagramação

Douglas Pêgo (Malacaxeta)

Revisão

Frederico Amorim

Fotos

Miguel Aun

Podcasts do Educativo On-line

Amanda Pontes

Ana Pedrosa

Ian Gavião

Rudá Lemos

Agradecimentos à

Ewerton Belico

Rafael RG



"Como parece não ter fim, com esse rubrica feita de grandes cidades acompanhado de artistas industriais e de Edgar enciclopédia de uma tecnologia, que a história. De lá em um dia através que estão sendo, nos fins de década de 80, em uma sala branca. Ela se tornou pelo A.C., que apresenta seus trabalhos por todos os lados. Mas para aqueles desde tempo a forma de deixar passar o tempo cultural. O teatro de exposição dedicado a Galois - de Hilda Dittus - transformado em cartas. E a produção de teatro, os mitos da cultura da massa, Elizabeth Taylor, James Dean, Marilyn Monroe e o grande músico americano, Jacques Prévert, o Flusser selvagem, que quer, em comum, permanecer como um pale-verdade, sofrendo verdadeiros danos de grandeza acadêmica da Escola de Paris."

Nelson Coutinho
Jornal de Notícias, 1962



DE 1960 A 1970

1. Trabalho desenvolvido em 1962
2. Trabalho desenvolvido em 1963
3. Trabalho desenvolvido em 1964
4. Trabalho desenvolvido em 1965
5. Trabalho desenvolvido em 1966
6. Trabalho desenvolvido em 1967
7. Trabalho desenvolvido em 1968
8. Trabalho desenvolvido em 1969
9. Trabalho desenvolvido em 1970



1960-1970



1960-1970
1. Trabalho desenvolvido em 1962
2. Trabalho desenvolvido em 1963
3. Trabalho desenvolvido em 1964
4. Trabalho desenvolvido em 1965
5. Trabalho desenvolvido em 1966
6. Trabalho desenvolvido em 1967
7. Trabalho desenvolvido em 1968
8. Trabalho desenvolvido em 1969
9. Trabalho desenvolvido em 1970





© Material concebido para fins educativos e de informação, sendo permitida a reprodução apenas para os mesmos fins, com indicação da autoria e vedada qualquer utilização comercial ou com fins lucrativos". © imagens com direitos autorais.



PATROCÍNIO DO CENTRO CULTURA MINAS TÊNIS CLUBE



PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO

CULTURA E
TURISMO



MINAS
GERAIS

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

RAYMUNDO

Este material foi idealizado como uma das ações do projeto *Educativo On-line Raymundo Colares: de volta à estrada*, exposição que esteve em cartaz na Galeria de Arte do Centro Cultural Minas Tênis Clube, entre os dias 5 de novembro de 2019 e 2 de fevereiro de 2020.

RAYMUNDO
COLARES:
DE VOLTA À
ESTRADA